



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17260 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

AGRICULTORES(AS) EXPERIMENTADORES(AS) DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – É POSSÍVEL IMAGINAR OUTROS MUNDOS?

Deise Ramos dos Santos - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Juliana Santos Silva - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

AGRICULTORES(AS) EXPERIMENTADORES(AS) DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – É POSSÍVEL IMAGINAR OUTROS MUNDOS?

1 INTRODUÇÃO

Cuidar da terra, então, é cuidar do nosso destino, da nossa liberdade, da nossa esperança.

hooks (2022, p. 161)

Este trabalho corresponde a uma pesquisa de Mestrado em andamento, relacionada aos modos de ‘fazeressaberes’ dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) do Semiárido brasileiro (SAB). A partir das memórias afetivas de vivências e experiências com os(as) agricultores(as) experimentadores(as), serão cartografadas, através da agricultura familiar, ‘fazeressaberes’ insurgentes, apontados como modo de confluência (Santos, 2023) e sustentabilidade dos territórios do Semiárido baiano. “Defender nosso corpo-terra-território é, assim, defender nosso ser” (Haesbaert, 2023, p. 137).

Inspirada nas pesquisas dos currículos multiespecíficos (Rangel, 2022) e nos movimentos das pesquisas nos/dos/com (os) cotidianos de Alves (2010), me coloco no desafio de cartografar os *'fazeressaberes'* dos(as) agricultores(as) experimentadores(as), assumindo a ideia de que os modos de viver, de ser, de pensar e de agir nos/dos/com (os) cotidianos são importantes para se *'fazerpensar'* propostas mais integradoras e sustentáveis da educação profissional e tecnológica – EPT, como maneira de transgressão ao modelo hegemônico da educação atual (Krenak, 2019).

Identificada como qualitativa, componho esta pesquisa também com os movimentos de hooks (2022), destacando a importância da pertença do lugar. Nesse sentido, Krenak (2019) me inspira a conjecturar como os *'fazeressaberes'* dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) do SAB podem contribuir para adiar “o fim do mundo”. Com elas e eles, outras autoras, outros autores, tenho buscado cartografar os *'fazeressaberes'* dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) do SAB e como estes(as), passados de geração em geração, tornam-se modos de transgressão e sustentabilidade do saber-habitar o território, insurgindo-se como potente força contra o imaginário colonizador, contumaz em apontar esse ambiente como inóspito.

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do(a) pesquisador(a) que não se faz de modo prescritivo. No entanto, Kastrup e Passos (2015) afirmam bem que não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas, mas o primado do caminhar que traça, nos percursos, seus movimentos.

Inspirada nas vivências e memórias da minha infância e nas narrativas de hooks (2022), passei a compreender o trabalho na roça como uma necessidade prática da vida. Também percebi que tal labor é permeado por uma imaginação que torna a vida possível. Porém, apesar dos cotidianos das pessoas da minha comunidade envolverem os *'fazeressaberes'* como forma de imaginar mundos possíveis, na escola, aprendi que era necessário se desenvolver, ter uma profissão, sair do campo, do trabalho de labuta com a terra. Realmente, puxando pelo fio da memória, não lembro de aprender na escola o valor do trabalho na roça, de ter ouvido acerca da importância do trato com a terra. É o que o geógrafo Haesbaert (2023), inspirado nos movimentos sociais das comunidades latino-americanas e nos escritos das feministas, chama de corpo-território, ou seja,

leitura corporificada do território [que] implica conceber o corpo — e, de algum modo, a própria natureza — não somente como objeto,

instrumento ou coisa externa a um “sujeito”, nem apenas como ideia, referência simbólica ou representação concebida por esse mesmo sujeito (Haesbaert, 2023, p. 140).

Não lembro do(a) ser agricultor(a) ser tratado com importância equivalente a outros *‘fazeressaberes’ valorizados socialmente, mesmo fazendo parte de uma profissão que tantas pessoas próximas praticavam*. Ser trabalhador(a) rural, ao contrário, compunha, no imaginário, um ser “atrasado” e “analfabeto”. Leia-se: carente de estudos em escola regular. Esse ser agricultor(a) do ideário dominante na minha infância parece refletir as visões e imagens distorcidas que se tem acerca do ambiente Semiárido brasileiro.

Segundo Malvezzi (2007), o SAB abrange parte dos estados do Nordeste e o norte de Minas Gerais. Ele acrescenta que, mesmo sendo o semiárido mais chuvoso do planeta, vendeu-se a ideia de uma região árida, não semiárida. E lembra que

as imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo esturricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luiz Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto (Malvezzi, 2007, p. 11).

As cosmovisões distorcidas de que trata Malvezzi (2007) também estão presentes no conjunto de estratégias políticas, educacionais, culturais, conhecidas como Políticas de Combate à Seca. Esses acontecimentos, de modo inequívoco, atravessaram os nossos caminhos enquanto povo e território, no entanto, cada *‘fazersaberpensar’* mobilizado, passado de geração em geração, resiste e transmuta, ajudando a criar modos de vida sustentáveis, do saber-habitar o território, e assinalam que “lutar por território é lutar por existir, ou melhor, para utilizar um termo caro ao companheiro Carlos Walter Porto-Gonçalves (2013), r-existir, e r-existir é, em primeiro lugar, defender nosso espaço” (Haesbaert, 2023, p. 136).

Assim, as políticas de combate à seca, cujas imagens e sons de tragédia, falta, morte e inviabilidade eram recorrentes, vão dando lugar a um novo processo, o qual hoje conhecemos como: convivência com o semiárido.

2 DESENVOLVIMENTO

Atualmente, um dos assuntos que preocupam o povo do território semiárido é a desertificação, processo de degradação generalizado, causado pela ação humana, intensificada pela crise ecológica que estamos enfrentando (Haesbaert, 2023). As entidades e pessoas envolvidas na luta contra a desertificação, particularmente no Semiárido, apontam a agroecologia e a agrofloresta como caminhos de solução (Malvezzi, 2007). Assim, como explica Malvezzi (2007), pouco depois da III Conferência das Partes, Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (COP3), em Recife, ocorrida em 1999, essas entidades passaram a formar a Articulação do Semiárido – ASA (Malvezzi, 2007).

Com mais de oitocentas entidades, a ASA tornou-se uma importante articuladora de *'fazeressaberes'* dos(as) agricultores(as) de todo o semiárido. A ASA impulsionou e impulsiona várias organizações não governamentais, e, por meio dos(as) agricultores(as) experimentadores(as), com seu vínculo na/da/com (a) terra, troca e replica, a partir da observação e da experiência, modos de *'serfazersentirpensar'* com o território (Haesbaert, 2023). Krenak (2019, p. 32), cartografa o que deve ser “imaginar mundos”:

Imaginar outro mundo possível é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza.

Assim, um dos elementos que compõem o reordenamento das relações no ambiente semiárido é o ser agricultores(as) experimentadores(as). Nesta percepção, essas pessoas-profissionais compreendem que habitar o lugar (hooks, 2022) perpassa pelo cuidado com todos os elementos visíveis e não visíveis, ou seja, cuidar da natureza é cuidar de si, nesse emaranhado de relações. “Esse *'corpo-natureza'* não pode ser dissociado de nosso próprio corpo (também natural), pois é nesse embate com os demais objetos e relações que realizamos nossa (co)existência e nosso devir” (Haesbaert, 2023, p. 140). Nesse contexto, as feiras agroecológicas intercambiam os *'fazeressaberes'*, os modos de viver (Santos, 2023), daqueles(as) que aprenderam e aprendem a se relacionar e a cuidar da água da chuva, que aprenderam a plantar, a trocar e a guardar sementes crioulas, que cocriam relações mais justas e solidárias com o lugar, criando disposições de *'fazersaber'*”, habitar de modo sustentável. Todos esses movimentos encarnados

são centrados na experiência do cuidado, nos movimentos e fluxos da vida.

Nesse sentido, educar-se nos/dos/com (os) movimentos de Convivência com o Semiárido conflui com os sentidos da educação tratada por Ingold (2015) no texto “O dédalo e o labirinto”. O autor explica que há muitas maneiras de caminhar-aprender-ensinar, e nem todas nos levam para fora – ao ambiente ou território na concepção de Haesbaert (2023). Colocado de forma simples, você tem que prestar atenção onde pisa, no que ouve e sente. Em outras palavras, seguir o caminho é um ato menos intencional do que atencional. Para Ingold (2015), não há nada de novo ou radical em sugerir que o conhecimento emerge e brota no/do/com (o) ambiente. Nesse modo de educar encarnado, bastante característico dos modos de vida dos camponeses, “o mundo se faz mais uma vez presente. Ele nos toca” (Ingold, 2015, p. 33).

Sinto também que o pensamento de Ingold (2015) é atravessado por questões que estão bastante pulsantes no pensamento de Santos (2023), especialmente quando este ressalta que tivemos um processo de colonialismo potente e bem articulado, que usou a política com todas as suas nuances, porém

está acontecendo algo interessante. Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho (Santos, 2023, p. 32).

Antônio Bispo dos Santos (2023), através da sua experiência encarnada, com sua educação da atenção que conflui com os movimentos do mundo, acredita que o mundo do trabalho não está mais impondo a pauta, como coisa prioritária a ser problematizada, porque este está sendo substituído pela compreensão dos modos de viver (Santos, 2023). Portanto, nesse ‘*espaçotempo*’ de encontros, agricultores(as) experimentadores(as) tecem caminhos para a convivência com o semiárido, e cocriam o que Alves (2010) conceitua como redes educativas, emaranhados que formamos e que nos formam. Essas tessituras nos ajudam a habitar os ambientes, a nos colocar nas situações. Graças aos movimentos dos cotidianos, como as conversas, as trocas de ‘*fazeressaberes*’ e os modos de ser (Santos, 2023), ao desenvolvimento de práticas e tecnologia, há uma jeito novo de perceber as imagens e sons no/do/com (o) semiárido, de cocriar e imaginar mundos possíveis (Krenak, 2019).

A partir das cisternas, por exemplo, os movimentos de fazer a agricultura e o de ser agricultor(a), no SAB, apresentam uma feição integrada. Com isso, tem-se

que essa pesquisa se relaciona e se implica com os movimentos cotidianos, os quais ajudam a romper com a cisão entre sujeito e objeto, afinal, parte da adoção das “ideias de redes de conhecimentos e de tessituras do conhecimento em rede” (Alves, 2010, p. 16), agora denominadas redes educativas, expressam “caminhos que vão mudando” (Alves *et al.*, 2019, p. 40), caminhos cocriados a partir das pertencas coletivas, ao longo das caminhadas.

Trata-se de buscar os sentidos e os movimentos provocados por esse novo jeito de ser e agir sobre o espaço, afinal, “esse encontro-movimento entre diferentes corpos, humanos e não humanos, é que representa a grande propriedade do espaço: possibilitar que distintas trajetórias se enlacem, se cruzem” (Haesbaert, 2023, p. 140). Assim, no fluir dos acontecimentos, mapeando os ‘fazeresses’ dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) do SAB e suas maneiras de ver/sentir/agir no espaço, se pudermos encorpar possibilidades de diálogo e envolvimento com outros seres, apontando outras possibilidades de mundos imaginados Krenak (2019), o objetivo deste trabalho já foi alcançado.

Nessa perspectiva, Rangel (2022) aponta como a educação floresce, forma e é formada pelas trilhas nos/dos mundos da vida. De acordo com o autor, é a educação da atenção que faz circular o saber e nos ensina a aprender a ser-com-outros, através de perspectiva multiespecífica, nos fluxos da/com vida. Para Rangel (2022), os currículos inter/multiespecíficos nos abrem à diversidade. Os currículos inter/multiespecíficos são sempre plurais, porque mobilizam redes heterogêneas e dinâmicas de sentidos, implicados e tecidos em constituições de sons, imagens, movimentos, toques, gostos, com diversos viventes envolvidos nos processos.

Assim, tais currículos nos possibilitam vislumbrar como a pedagogia que se dá através das redes não está comprometida e interessada em criar domínios estáveis, em visibilizar poderosos. Trata de seguir os viventes e seus fluxos, de ‘fazerpensar’ o tornar-se pessoa na complexidade do mundo, sem separação entre o mundo natural de um lado *versus* o mundo cultural de outro, desconstruindo a naturalização da dicotômica e limitada sensação de estar vivendo em dois mundos distintos. Nesse contexto, é preciso ter em vista que “o cotidiano é ‘espaçotempo’ de saber e criação, permeado de prazeres, inteligências, imaginações, solidariedades, pertencas, comportando grande diversidade e complexidade de modos de sentir, fazer e pensar” (Alves, 2010, p. 18).

2.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Apesar do desejo dos homens de extrair mais e mais lucro da terra (hooks, 2022), imagino que o modo de vida e o sistema de pensamento e existência dos

povos do semiárido brasileiro, atualmente, correspondem a uma dessas reviravoltas da qual falam Oliveira *et al.* (2020), visto que os movimentos comunitários de Convivência com o Semiárido contribuem para essa reviravolta ontológica, epistemológica, ética e política do nosso envolvimento do/no/com (o) território (Haesbaert, 2023).

Para Oliveira *et al.* (2020), os saberes e práticas dos povos tradicionais do passado e do presente contribuem para a promoção da diversidade social e biológica, motivando práticas, pensamentos e modos de resistências como resposta ao imprevisível “fim do mundo”. Dessa maneira, o trato e a lida com a terra representam uma esperança de sobrevivência (hooks, 2022).

Por ter sido criada em um mundo no qual meus avós não mantinham trabalhos regulares, mas tiravam seu sustento da captura e da venda de minhocas para pesca, do cultivo de alimentos e da criação de galinhas, sempre tive consciência de uma alternativa ao sistema capitalista destruidor da abundância da natureza (hooks, 2022, p. 163).

O sentido de coexistência, apresentado por hooks (2022) por meio da evocação das lembranças das experiências dos seus avós, impactou o seu modo de sentir o mundo, fazendo com que ela conflua com a cosmologia dos ‘fazeressaberes’ enraizados nos territórios, inseparáveis de cosmologias e modos de vida (Oliveira *et al.*, 2020). Nessa visada, agricultores(as) experimentadores(as) participam da criação de modos de vida e estilos singulares de trabalho, e, além disso, criam composições de relações entre as espécies mais sustentáveis e ecológicas, encarnadas numa lógica da educação ancestral (hooks, 2022), de um modo específico de ser e fazer do/no/com (o) semiárido brasileiro. Até mesmo porque, na relação com a terra, “todos sabem que, no fim, temos que nos curvar diante das forças da natureza” (hooks, 2022, p. 161-162).

Assim, para hooks, reivindicar nossa história, nossa relação com a natureza, com a vida no campo, e proclamar a restauração humanizadora da vida em harmonia com a natureza, para que esta também possa ser nossa testemunha, é uma importante maneira de resistir (hooks, 2022, p. 164). Diz respeito, também, a buscar viver em comunhão com a terra, reconhecendo o poder da natureza, com humildade e reverência. Ainda segundo hooks (2022), ao nos reconciliarmos com a terra, fazemos do mundo um lugar onde nós e a natureza podemos ser um só. Criamos e mantemos ambientes onde podemos retornar a nós mesmos, estar de volta ao lar, nos manter em terra firme e ser uma verdadeira testemunha da filiação e pertença ao território ao qual habitamos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos de viver e de *'fazeersaber'* dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) nos dão/são sinais, nos indicam com quem e de que modo haveremos de aprender a revisar os vínculos (Oliveira *et al.*, 2020) no/do semiárido. São elas e eles que podem nos indicar os movimentos que poderíamos fazer para escutar o que os ambientes e as paisagens têm a nos afetar e dizer. Porém, é necessário lembrar que pesquisar através do método cartográfico é uma tarefa sempre inconclusa, obra aberta.

Ao final deste trabalho com a visibilidade dos modos de ser e agir dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) do Semiárido brasileiro, espero que sejam abertos caminhos para que os modos de viver, de ser, de pensar e de agir nos/dos/com (os) cotidianos fortaleçam as encruzilhadas para se *'fazerpensar'* propostas mais integradoras e sustentáveis da educação profissional e tecnológica – EPT. Que essa perspectiva multiespecífica seja também uma maneira de transgressão ao modelo hegemônico do modo colonizador ainda presente na atual educação.

Portanto, compreender como os *'fazeressesaberes'* dos(as) agricultores(as) experimentadores(as) desabrocham a possibilidade de sustentabilidade do território Semiárido brasileiro borra e resiste ao imaginário colonizador porque seus movimentos são replicados, e, nesses movimentos, cada um(a) aprende a dar atenção ao que olha, sente e ouve; reaprende, enfim, a conviver com sua naturalidade (Krenak, 2019). Assim, cada geração se revela especialista em tentar algo novo. É neste sentido que se encontra a habilidade de cada um(a) em imaginar e compor outros mundos possíveis. Fica o convite para os(as) leitores(as)-cartógrafos(as) participarem desses movimentos coletivos de cocriação pelo saber-habitar sustentável.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, 2010, p. 1195-1212.

ALVES Nilda; ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos

necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira (Orgs *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CVR, 2019. p. 18-45.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023. (Imagens de Santídio Pereira e Texto de orelha de Malcom Ferdinand)

HAESBAERT, Rogério. A Corporificação ‘Natural’ do Território: Do Terricídio à Multiterritorialidade da Terra. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). *Corpos & Geografia: Expressões de Espaços Encarnados*. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2023. p. 133-160.

hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALVEZZI, Roberto. *Semiárido – uma visão holística*. Brasília: Confea, 2007. (Pensar Brasil)

OLIVEIRA, Joana Cabral de; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela Morim de; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure (Orgs.). *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu, 2020.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RANGEL, Leonardo. Currículos inter/multiespecíficos: fabulações de uma botânica por vir. In: CARVALHO, Janete M.; SILVA, Sandra K.; DELBONI, Tânia M. Z. G. F. (Orgs.). *Currículo e Artistagens: política, ética e estética para uma educação inventiva*. Curitiba: CRV, 2022.